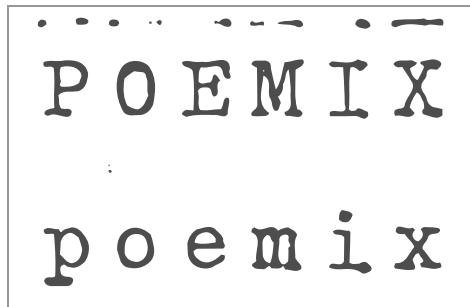


**POEMIX**



Por  
**SAMUEL PEREGRINO**  
2008

**PROJETO GRAFICO**

Hudson Costa

<http://hudson.junior.googlepages.com>

[www.samuelperegrino.blogspot.com](http://www.samuelperegrino.blogspot.com)

- I. POEMIZ
- II. SHAMBALLA
- III. O BARQUEIRO
- IV. ACALANTO
- V. OS SUICIDAS, PARTE I
- VI. OS SUICIDAS, PARTE II
- VII. A CASA INVISÍVEL
- VIII. SALATIEL
- IX. A DAMA DOS CAMPOS DE DENTE-DE-LE O
- X. O HOMEM TOCHA
- XI. 3 POEMAS CURTOS MAL ACABADOS/SANGUE SOBRE TELA
- XII. SEM OLHOS EM GAZA
- XIII. CARREGADORES DE PEDRA

— POEMIZ —

À meia vela trêmule desgasta junto o corpo

Aquece dedos finos

Íris inflamada, pele causticada, zéfiro ardente

Sonha o lobo, peregrinação, fuga! Eis o homem, lamento, febre...Cansaço.

A roda amálgama junta os trapos e gira, gira e gira. Essa é a roda do sofrimento e  
muitos são os que giram por ela.

Em sua veleidade sofre o homem, perseguido por seu lobo.

No caimento da noite ante o pala de Dionísio, chora bacante sem ter seu ádito  
secreto.

Auroresceu Gaia e o que resta-nos agora?

## **SHAMBALLA**

Atravessei a ponte de todas as manhãs. Caixas metálicas passeavam por ela pra lá e pra cá. Os mortos-vivos marchavam rumo à cidade esfumaçada como formigas em fila india. O sol febril angustiava os olhos e o vento siroco trincava a pele e roubava-nos o ar.

Cheguei à Casa das Máquinas. Bati com força nos imensos portões largos feitos de puro bronze - abriram-se - então, entrei.

Deus é uma Máquina. Pneuma Machine. Destroi os adoradores de Moloch. Quem são os Fantasmas na Máquina? Estamos vivos no sonho do Eterno. Enquanto chora alimentamos o solo de nossas ilusões; quando ri, entorpecemo-nos de esperança.

[ Gaya fora exposta ao método. Cartesius a mediu palmo a palmo e somou seus lados - eqüilátero. No fim, enquanto dormia, Abadom o enganou em suas medidas, levando-o a crer no engodo malévolio. Desde então, o mundo se tornou dividido.]

### **As Vozes**

“ Ó doces vozes de Shamballa que guiam minh'alma... Cantai um alegre canto e despertai os homens de seu profundo sono. Trazei o ungüento de aloés e mirra pelo vento e pétalas de crisálidas pelo rio.

Então suspirarei e tornarei a tocar minha flauta de pinho doce. Tocarei ao sol como quem sonha e dançarei ao redor do lume numinoso até o tempo lúgubre do crepúsculo.

Soprai o celeste minuano, doces vozes, com o aroma campestre adocicado pelos deuses. De Shamballa ouve-se o som como de um rio em seu eterno fluir.”

## O BARQUEIRO

À margem do rio Tártaro na lúgubre terra de Limbo, estava o estranho a esperar. Um tanto perdido e confuso olhava as águas turvas do rio desejando sua vida lembrar. Tendo duas moedas de douradas nas mãos, roupas fúnebres cobrindo o corpo, descalço, de alma cansada, aguardando o barqueiro chegar.

“Ó vil barqueiro das águas lacrimais! Apresa-te ao encontro desse peregrino de vis flagelos que tanto almeja à outra margem do rio negro chegar! Venha, terrível remador da Barca dos Homens! Tu, com seus remos nas mãos e que conduz esse maldito barco por essas águas cor de ébano. Venha maldito!

A desesperança me assola, todavia, o medo não existe mais. Tenho um flagelo na alma e duas moedas nas mãos, que serão dadas a quem me levar à outra margem. A salvação me aguarda ao lado da Fonte da Vida. Diga então vil barqueiro, qual o preço cobrará para levar-me nesse maldito barco?”

## **ACALANTO**

Dê-me teu corpo para que me aqueça / Dê-me teu cheiro para entorpecer minha  
dor / Teu suor em minhas feridas como bálsamo que cura  
Teus beijos inebriando meus sentidos / Como álamo que acalma / Como Mirra que  
perfuma / Absinto que purifica  
Assim, sinto você mais perto...  
Mil gostos e cheiros. Fragrâncias e aromas. Doce e suave / Teu corpo macio, tecido  
com linho fino / Esculpido como pedra-sabão  
Dar-te-ei minha alma amor, mas, por favor... / Dê-me teu coração para que eu ame,  
Até o tempo do fim.

# **OS SUICIDAS**

## **Parte I**

### ***Celeste***

... sim, está frio esta noite. Essas gotas pesadas, gélidas que caem do céu amortecem a queda em meu corpo encharcado, outrora sujo. Roupa purificada, alma imunda.

E eu sinto o medo corroer meus ossos... Não, não é medo de altura! É medo de viver mais um dia lá embaixo com os homens de palavras torpes. Não suporto essa desolação... Os sapatos se encontram com a beirada descascada. O corpo cede à gravidade mordaz e obedece...

Sinto o vento me sufocar. Vejo as janelas passando rapidamente enquanto meu coração congela o sangue.

Uma mulher grita...

Estou livre pra sair agora.

O corpo almeja o chão.

O espírito anseia o céu.

# **OS SUICIDAS**

## **Parte 2**

### **A Torre**

Virgílio disse a Montaigne:

"Bem que eu poderia me jogar daquela torre!"

Montaigne sem desviar os olhos do líquido carmesim à sua frente, pergunta:

"Que eu sei?"

Virgílio avalia a pergunta e não encontrando resposta para si, diz:

"Sócrates dizia que seu saber era não saber nada, outros modelarão, bem o creio, bronzes com vida e sem dureza; extrairão dos mármores seres animados; defenderão melhor as causas; medirão com o compasso o curso dos céus e anunciarão o nascer dos astros, mas eu, não creio entender algum propósito nisso tudo." Montaigne levanta a taça, o taverneiro despeja mais do denso vinho. Avista a torre onde passara o resto de seus dias e diz:

"Nós podemos chegar a ser cultos com conhecimento de outros homens, mas nós não podemos ser sábios com sabedoria de outros homens. Eu sei bem do que eu estou fugindo, mas não o que eu estou buscando. Sabe, meu caro amigo, nós imortais, não podemos nos atirar de torres. Não envenenamo-nos, tampouco deixamo-nos enveredar por esses caminhos duvidosos que muitos temem. Estamos longe disso meu amigo. O que o teme sofre, sofre já de seu medo."

Virgílio se levanta. Cambaleando parte em direção à torre.

"Então vamos amigo. Veremos se o que diz é verdade. Subamos..."

Depois do último gole Montaigne se levanta. Cambaleando como Virgílio segue o amigo pelos rastros tortuosos.

"Espere poeta errante! Vou contigo, pois nós mesmos somos a matéria de nossos livros."

## A CASA INVISIVEL

Ainda está aqui, como quem quisesse partir

Tudo pelo chão, tudo está um caos, nessa casa invisível

Nessa alma que é tão frágil

E você me diz: Eu preciso ir! Eu preciso ir! Eu preciso...

Para onde o mal não me alcance

Onde é o fim de vãs palavras

Sangue nos jornais, essa chuva traz de volta a lembrança

Do que se perdeu, ir onde as pedras não alcançam

Nessa alma que é tão frágil

E você me diz: Eu preciso ir! Eu preciso de ar!

Eu preciso de um pai! Eu preciso é de grana!

Eu preciso mesmo é de um amor!

E você me diz: Eu preciso ir! Eu preciso ir! Eu preciso!

Para onde o mal não me encontre. Lá onde é o fim do mundo.

(Letra para uma balada de desesperança)

## SALATIEL

...pele de cabrito estirada sobre a pedra. Couro seco sem pêlos ao calor do deserto -

Deserto de Lo-Debar. Corpo debruçado sobre a pedra.

Há uma pena azulada na mão esquerda - pena de faisão. Mão direita com firmeza segura a talha de madeira com água fosca - madeira de figueira seca. Líquido cor-de-zinco, das sementes da amoreira misturado às folhas de aloés e mirra. "Assim gravará no pergaminho," pensou.

Era a terceira vez no dia que ocorrera o sinal. A tinta escura unia ao sangue carmesim escorrendo pelos calos dos dedos. O suor manchou a última frase, as palavras saíram trêmulas. A pena cravada no manuscrito esperando pela Voz que parecia mais distante a cada momento.

A pena se rompe! O estalido ósseo partido da asa graciosa da pequena ave cor de anil o desperta de sua numinosidade. Era homem outra vez.

Enrolou o pergaminho inacabado junto aos outros e o guardou na velha tenda de farrapos de linho grosso costurada ao couro de bode.

Rasgou um pedaço de sua veste, enxugou o rosto e enrolou a mão fadigada na carne viva. Sentou à beira do poço, amarrou o cântaro de argila e puxou a água. Pelo

espelho d'água contemplou seu reflexo distorcido. Arrancou um suspiro longo e cansado. Sentiu a dor de suas costas e lembrou-se de Thetis. A barba escondia o sorriso. Bebeu a água e se aquietou ouvindo o vento passear pelo vale abaixo.

' Eu sou a chama que dança / O fogo que não se apaga / A fúria que tudo consome / Eu sou o amor que a tudo perdoa /  
Eu sou a ave que arrancaste a pena / Eu sou a pena que escreveste no livro /  
Eu sou a palavra viva deste livro /  
O som que bate em teu peito / Não há silêncio / O caos veio pela minha voz /  
E tu mensageiro de Ariel, escreve minhas palavras /  
  
Profetiza! Profetiza Filho do Homem'

## A DAMA DOS CAMPOS DE DENTES-DE-LEAO

Ela estava sentada, colhendo dentes-de-leão debaixo do grande ébano florido - escarlate. Seus cabelos como fios de ouro reluziam sob o ardente sol primaveril que trespassava seu lúcido esplendor pelas frestas dos pávidos galhos da serena árvore. Descansava à sombra da quietude e da mansidão.

Seu rosto como uma rósea flor num halo de candura expressava uma alegria etérea que afastava para longe minha melancolia. O ségüito majestoso coloria o verdejante gramado com uma ânfora de cores. E seu agridoce olor destilava bálsamo de cânfora que inebriava meus sentidos. Suas alvas mãos de deidade se voltaram para um livro prateado escrito com letras douradas. E o suave e harmonioso som de sua voz parecia entoar palavras encantadas. Então, ela sorriu para mim e suspirou docemente. Como uma labareda inculta, minh'alma se pôs a indagá-la o que dizia o livro sobre o prelúdio porvir triste de minha vida. O coração trêmulo ansiava a esperada resposta...

Com a alma flora sublime, que é graça e sutileza, a mística princesa segurou minhas mãos e com seu puro olhar de anis que evocava visões de meu passado distante, capturou os meus olhos e dilacerou o meu peito amargo, então me disse em uma estranha língua:

"\_Eu te amo. Você pode amar também."

Uma lúcida e lívida razão apoderou-se de mim. Não mais sentia o desânimo voraz que me assolava noite e dia.

Ela fechou seu livro mágico, pôs-se em pé - suas vestes como uma apoteose de asas girava em torno de mim - então, se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

"\_Meu nome é Esperança."

Adormeci à sombra do grande ébano - madeira negra, aos pés de Esperança.  
Acordei sob o céu estrelado, sentindo no rosto uma leve brisa de saudade, trazendo  
com ela, pétalas carmesins e dentes-de-leão.

Hoje não mais temo o sol.

Talvez eu esteja cansado de vagar por entre cavernas e abismos. Partirei para além  
dos altos montes do solitário ermo a fim de encontrar o lugar para onde ela se foi:  
Minha Esperança!

## O HOMEM-TOCHA

Águas impuras, poços rotos, terra seca  
Nuvens claras, céu que se dissipa, olhos incandescentes  
Busca insaciável, chamas consumindo o peito  
Sou o que tem sede  
Eervas ressequidas, gramado vermelho, sangue que não faz brotar  
Maçãs sintéticas, grãos venenosos; tudo se faz extinto  
Gosto metálico, dilaceram o ventre; câncer diagnosticado  
Sou o que tem fome  
Chuva cáustica, sol sem ozônio, língua que arde  
Pele que queima, pedras que caem - pedras de nosso orgulho  
Os tanques cospem pedras - essa é a linguagem da guerra

Sou o que sofre  
Dragões metálicos, monstros radioativos, sorrisos enferrujados  
Findou-se nossas vidas, findou-se a comida  
Amor que adoece e contamina - vinho tinto e cocaína  
Sou o que contempla  
Sou o que observa

Sou o Homem - Tocha  
Dá-me de beber pois tenho uma sede sem fim...

## **3 POEMAS CURTOS MAL ACABADOS / SANGUE SOBRE TELA**

### **Fogo no Céu**

Quando Ícaro perdeu suas asas  
Dumont perdera as suas  
Pelo fogo dos deuses  
Que derrete os sonhos  
Que abrasa a calma  
Tombando Ismália ao cair do sol  
O olho em chamas que a tudo inveja

Veja os pássaros em vôos rotos  
Numa triste rota em linhas tortas  
Num espaço descortinado, rasga o véu antes cerrado  
E os feixes cálidos luminosos tingem o céu, azul-dourado

Sob os olhos de Apolo, num crepúsculo cintilante  
Jaz o filho da manhã  
Luz etérea vaidosa  
Hoje sombra, anoitecer

E há os que voam em busca do sol  
Deixam as amarras do medo  
E partem à terra prometida  
Soltos, leves, livres, num espaço colorido  
Torneado num prisma luxuriante  
Ah, se esse espaço contivesse...

“Deixe-nos voar Apolo! Doidos, louros, ante ao crepúsculo baunilhado num prisma cintilante!”

E se essa reluzente estrela da manhã  
Opaca for ao entardecer,  
Ainda teremos nossas asas  
Ainda teremos nossos sonhos.

## **SEM OLHOS EM GAZA**

Quando Sansão perdeu seus olhos  
Borges perdera os seus  
Perdido num labirinto de livros mortos  
Ante o pala de Homero  
Recitando versos numa estranha língua  
A poeira de Gaza lhes cobria os olhos  
Um amarrado a um moinho  
Outro abarbelado numa loteria babilônica

“Não lhes arranque os olhos Dalilha!”

O amor é cego?  
Sinto o contorno dos teus traços em meu rosto  
Como uma sombra que cheira  
Fragrância de lavanda, colhida nos montes de Gileade  
Um remédio para minha dor  
Quando abrir os olhos...  
Não quero ver homens como árvores que andam  
Prefiro a ti... Meu anjo, meu Aleph...  
Ainda que morra na Filistéia, ainda que me arranque os olhos

## **CARREGADORES DE PEDRAS**

Lápide, lúgubre, soturna, fria... Eis a pedra  
O homem adora o sol  
As pedras rolam do monte... Eis a construção!

Um templo feito por mãos humanas  
Mas o tempo é ateu, não se importa com os deuses

Destroi o templo  
Espalha as pedras

E lá se vão, tolos subindo a montanha  
Rolando as pedras  
Fabricando ídolos  
Erguendo altares  
Construindo outro templo com suas próprias mãos

Eis aí um elogio à louca vaidade humana!

Ei veja lá! Lá vêm os iconoclastas! Fujam seguidores de Baal!